

# VEREDAS

**Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**

VOLUME 8



PORTO ALEGRE  
2007

A AIL – Associação Internacional de Lusitanistas tem por finalidade o fomento dos estudos de língua, literatura e cultura dos países de língua portuguesa. Organiza congressos trienais dos sócios e participantes interessados, bem como co-patrocina eventos científicos em escala local. Publica a revista *Veredas* e colabora com instituições nacionais e internacionais vinculadas à lusofonia. Sua sede se localiza na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Portugal, e seus órgãos diretivos são a Assembléia Geral dos sócios, um Conselho Diretivo e um Conselho Fiscal, com mandato de três anos. Seu patrimônio é formado pelas quotas dos associados e subsídios, doações e patrocínios de entidades nacionais ou estrangeiras, públicas, privadas ou cooperativas. Podem ser membros da AIL docentes universitários, pesquisadores e estudiosos aceitos pelo Conselho Diretivo e cuja admissão seja ratificada pela Assembléia Geral.

### **Conselho Diretivo**

Presidente: Regina Zilberman, UFRGS  
[regina.zilberman@gmail.com](mailto:regina.zilberman@gmail.com)

1º. Vice-Presidente: Carlos Reis, Univ. de Coimbra  
[c.a.reis@mail.telepac.pt](mailto:c.a.reis@mail.telepac.pt)

2º. Vice-Presidente: Elias Torres Feijó, Univ. de Santiago de Compostela  
[fjetorres@usc.es](mailto:fjetorres@usc.es)

Secretária-Geral: Maria da Glória Bordini, UFRGS  
[mgbordini@portoweb.com.br](mailto:mgbordini@portoweb.com.br)

Vogais: Ana Mafalda Leite (Univ. Nova de Lisboa); Benjamin Abdala Junior (Univ. São Paulo); Cristina Robalo Cordeiro (Univ. Coimbra); Ettore Finazzi-Agrò (Univ. Roma, La Sapienza); Fátima Celeste Ribeiro (Contacto, Serviços de Línguas, Lda); Helena Rebelo (Univ. da Madeira) M. Carmen Villarino Pardo (Univ. Santiago de Compostela); Sebastião Tavares de Pinho (Univ. Coimbra); Rolf Nagel (Univ. Duisburg); Teresa Cristina Cerdeira da Silva (Univ. Fed. do Rio de Janeiro).

### **Conselho Fiscal**

Fátima Viegas Brauer-Figueiredo (Univ. Hamburgo); Laura Calcavante Padilha (Univ. Fed. Fluminense); Thomas Earle (Univ. Oxford)

Associe-se pela *homepage* da AIL:

[www.lusitanistasail.net](http://www.lusitanistasail.net)

Informações pelos *e-mails*:

[lusitanistasail@terra.com.br](mailto:ailusit@ci.uc.pt); [ailusit@ci.uc.pt](mailto:ailusit@ci.uc.pt)

# Veredas

## Revista de publicação anual

Volume 8 – Agosto de 2007

***Diretor:***

Regina Zilberman

***Diretor Executivo:***

Benjamin Abdala Junior

***Conselho Redatorial:***

Aníbal Pinto de Castro, Axel Schönberger, Claudio Guillén, Cleonice Berardinelli, Fernando Gil, Francisco Bethencourt, Helder Macedo, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Maria Alzira Seixo, Marie-Hélène Piwnick, Ria Lemaire. *Por inerência:* Ana Mafalda Leite; Carlos Reis; Cristina Robalo Cordeiro; Elias Torres Feijó; Ettore Finazzi-Agrò; Fátima Celeste Ribeiro; Fátima Viegas Brauer-Figueiredo; Helena Rebelo; Laura Calcavante Padilha; M. Carmen Villarino Pardo; Maria da Glória Bordini; Rolf Nagel; Sebastião Tavares de Pinho; Teresa Cristina Cerdeira da Silva; Thomas Earle

***Redação:***

VEREDAS: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

Endereço eletrônico: [ailusit@ci.uc.pt](mailto:ailusit@ci.uc.pt)

***Realização:***

Coordenação: Luiz Fagundes Duarte

Revisão: Tania Regina Ortiz Vernet

Capa: Atelier Henrique Cayatte – Lisboa, Portugal

***Impressão e acabamento:***

Evangraf, Porto Alegre, Brasil

ISSN 0874-5102



## SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| EDITORIAL .....  | 09  |
| LUIZ FAGUNDES DUARTE   |     |
| Tempo de perguntar .....   | 11  |
| <b>TEORIA E CRÍTICA DA CRÍTICA</b>   |     |
| ALMUTH GRESILLON   |     |
| La critique génétique: origines, méthodes, théories,<br>espaces, frontières .....  | 31  |
| GIUSEPPE TAVANI  |     |
| O texto medieval e as suas “misérias e desventuras” .....  | 46  |
| VANDA ANASTÁCIO  |     |
| Quando o papel interfere com a escrita: reflexões sobre<br>alguns autógrafos do Segundo Marquês de Alorna .....                    | 75  |
| JOÃO DIONÍSIO  |     |
| <i>Criticus fit</i> .....  | 104 |
| <b>CRÍTICA E LINGUÍSTICA</b>   |     |
| HEITOR MEGALE, SÍLVIO DE ALMEIDA TOLEDO NETO,<br>PHABLO ROBERTO MARCHIS FACHIN, RENATA FERREIRA<br>COSTA, VANESSA MARTINS DO MONTE |     |
| Crítica textual: análise grafemática e pesquisa lingüística .....  | 127 |
| LUÍS PRISTA  |     |
| Um manuscrito de João Félix Pereira: a <i>Carta</i> sobre a<br>Reforma Ortográfica de Barbosa Leão .....                           | 147 |

## Um manuscrito de João Félix Pereira: a *Carta* sobre a Reforma Ortográfica de Barbosa Leão

LUÍS PRISTA

Escola Secundária José Gomes Ferreira

João Félix Pereira (1822-1891) é um improvável objecto da crítica textual. Tendo tido os seus momentos de fama sobretudo enquanto figura de que outros troçaram, hoje João Félix só é lembrado como um dos excêntricos da segunda metade de Oitocentos. O seu nome já só é citado quando um classicista resgata a obra de algum escritor e repara que Pereira foi dos poucos que o traduziram, ou quando um historiador de uma didáctica específica esbarra num compêndio de geografia, de história, de desenho, de economia, de civilidade ou de qualquer das disciplinas acerca de que João Félix conseguia fazer epítomes, resumos, rudimentos, elementos, primeiras noções, etc.

Se digo que João Félix Pereira é inesperado assunto de textologia é ainda porque a sua prolixidade e o enfado que provoca a sua obra não convidam a que nele alguém se detenha. João Félix trabalhava por atacado, com o fito de terminar páginas que seguissem rapidamente para a tipografia.<sup>1</sup> Só talvez a multiplicação de e-

---

<sup>1</sup> Ao processo de escrita, compulsivo, de João Félix aludi em “Filólogos e processo de escrita”, Ivo Castro (org.), *Actas do 12.º Encontro Nacional da Associação Portuguesa de*

dições – tinha João Félix o capricho de não ultrapassar nunca os quinhentos exemplares, por isso os seus compêndios atingiam número elevado de edições –, as adaptações de um mesmo texto a diferentes formatos – com frequentes reaproveitamentos de obras anteriores –, enfim, todos os constrangimentos de quem produzia a esmo, o pudessem valorizar para estudos filológicos.<sup>2</sup>

O que se segue visa mostrar a utilidade do instrumental da crítica genética, aliás aplicado a um texto que apenas interessa à história da linguística. Além de Pereira, o caso envolve um outro castiço seu contemporâneo, José Barbosa Leão. A partir de 1875 José Barbosa Leão (1818-1888) foi o mais célebre propugnador de uma normalização da ortografia em bases “sónicas” (isto é, fonográficas). Em 1879 João Félix Pereira publica a *Carta sobre a orthographia portugueza dirigida ao sr. dr. José Barbosa Leão, cirurgião de brigada* (Lisboa, Typ. da Bibliotheca Universal). É um texto que apoia as teses sonicistas de Barbosa Leão e avança com melhorias a esse projecto de reforma ortográfica. Na sua proposta Félix chega a ser mais radical, mais sónico, que Leão. Uma década depois, no *Vocabulario sonico ou Enumeração das principaes palavras portuguezas, escriptas segundo as regras da orthographia phonetica* (Lisboa, Imprensa de Lucas Evangelista Torres, 1888), com dedicatória a Leão, voltará Pereira ao assunto, agora com detida refutação das ortografias etimológicas e a aplicação prática do sistema que propusera na *Carta*. Pelo meio, na introdução a *Os synonymos e homonymos da lingua portugueza* (Lisboa, Typographia de Lucas Evangelista Torres, tomo 1, 1885), alegava incoerências de grafias que se pretendiam etimológicas, o que ilustrava com a letra B do *Diccionario Contemporaneo*, de Aulete e Valente. Se correremos estes trabalhos de João Félix, ficaremos com o retrato do seu autor enquanto ortógrafo e talvez concluamos que o orientou mais a fonologia do que o alcance prático de um programa de reforma ortográfica.

Neste artigo fixar-me-ei na *Carta*, aliás num seu único testemunho, BN COD. 6888. (Há ainda um pós-texto autógrafo da *Carta*. É o impresso, com correcções manuscritas, que Pereira inter-

---

*Linguística (Braga-Guimarães, 30 de Setembro a 2 de Outubro de 1996)*, 2 (Linguística Histórica, História da Linguística), p. 525-535. (Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 1997. p. 531-532.).

<sup>2</sup> Em João Félix Pereira e uma teofílice. In: BRIAN HEAD et al. (Org.). *História da Língua e História da Gramática. Actas do Encontro*. Minho: Universidade do Minho, 2002. p. 371-92, relatei um episódio relacionado com estes vezos de desdobrar e refundir compêndios.

calou no original do *Vocabulario*, BN COD. 7599. Essas páginas impressas da *Carta*, pertencentes já à gênese do *Vocabulario*, não nos ocuparão. Direi só que não infirmam nada do que aqui concluiremos e que as emendas que apresentam são meras correções de grafia.) Nos parágrafos a seguir resumimos a *Carta*, por enquanto fundados só no seu penúltimo estado, o da publicação em 1879.<sup>3</sup>

## 1. O impresso da *Carta*

Dirigindo-se explicitamente a Barbosa Leão, João Félix começa por elogiar o relevantíssimo serviço que fora imprimir-se a *Colêção de estudos e documentos a favor da refôrma da ortografia em sentido sónico* (Lisboa, Imprensa Nacional, 1878): “o livro de V. Ex. põe termo às innumeradas dificuldades, desharmonias, irregularidades e incertezas da nossa orthographia, a todos summamente facilita o ler e o escrever, suaviza a ardua missão do professor primario e enxuga muitas lagrimas do alumno” (p. 3). Expresso o apoio genérico às teses sónicas, João Félix passa a apresentar as poucas fragilidades que encontra no programa de Leão: sendo o princípio da ortografia sónica a completa biunivocidade entre letras e sons, “representar-se cada som por um character unico, e representar cada character, exclusivamente, o seo respectivo som” (p. 5), a circunstância de a ciência não ter apurado o exacto inventário fonológico – não ter “chegado a determinar, distinctamente, esses sons” – impediria o nível de perfeição ideal; haver variação diatópica – “em cada provincia do reino, ás vezes em terra da mesma provincia, a pronúncia varia” –, de qualquer modo óbice superável pois que as “corporações scientificas do paiz poderão decidir, qual a pronúncia, que deve adoptar-se”. Ainda assim, mesmo que não fosse possível fixar-se uma ortografia rigorosissimamente fonética, po-

---

<sup>3</sup> Da *Carta* já se ocupou Maria Filomena Gonçalves. Na sua tese, *As ideias ortográficas em Portugal: de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911)*, (Lisboa, FCG/FCT, 2003), às p. 337-46, estuda os contributos de João Félix Pereira em matéria de ortografia, relanceando o *Vocabulario* e os *Synonymos* mas detendo-se sobretudo na *Carta* (cfr. p. 337-41). Quanto a esta, o resumo que fazemos do contraste entre Pereira e Barbosa não diverge significativamente do de Filomena Gonçalves, mas eu matizaria a conclusão de que as duas propostas dissentem devido principalmente aos modelos ortoépicos, portuense e lisboeta, em que se fundam (p. 340-41).

deria chegar-se a uma ortografia muito superior à usual. E, assumido o sistema de Leão como base de uma “orthographia normal”, “orthographia modelo”, seguem-se sugestões de reformulação da matéria propriamente dita.

Primeira, Félix acha haver doze vogais (ilustradas com a primeira vogal de *favo*, *pano*, *tenho*, *meda*, *peno*, *seda*, *medir*, *fita*, *moda*, *fome*, *moça*, *bule*), logo mais três do que as nove registadas pelo cirurgião de brigada (último som em *olá*, *rosa*, *café*, *mercê*, *ave*, *aqui*, *ilhó*, *avô*, *bambu*, o sistema de nove vogais coincidente com a descrição hodierna): enfim, “applicando o ouvido, com todo o escrupulo”, Félix (p. 7, n. 1) percebia estas distinções não apontadas no estudo leonino: entre, os símbolos são os seus, “a” (isto é, /a/), de *pano*, “z”, de *tenho*, e “ê” (/e/), de *seda*, em que o “z” do alfabeto cirílico representaria porventura som equidistante de [α] e de [e]; entre “é” (/ɛ/), de *meda*, “η”, de *peno*, e “ê” (/e/), de *seda*, servindo a Félix o eta grego, “η”, para representar talvez um som entre [ɛ] e [e]; entre “ó” (/ó/)<sup>4</sup>, de *moda*, “ω”, de *fome*, e “ô” (/o/), de *moça*, servindo o ómega para som aparentemente intermédio de [ó] e [o]. (Advirta-se que a descrição dos sons “z”, “η”, “ω”, a deduzimos das palavras com que Pereira os exemplifica, p. 6; ao contrário, quando na nota 1 da mesma página refere “z” como entre “a” e “é”, “η” como entre “é” e “ê”, “ω” como entre “ó” e “ô”, não intenta Pereira retratar os sons, mas apenas reportar-se à posição daqueles símbolos na lista que apresentara, como se vê sobretudo na primeira localização, entre “a” e “é” – e não “ê”, como esperaríamos se a descrição remetesse para sons.<sup>5</sup>) Estes três acrescentos de vogais parecem-me ser o ponto mais chamativo da fonologia de Pereira. Na primeira das distinções, não sei se “z” marca um estado não conso-

<sup>4</sup> Socorro-me de /ó/ como representação de *o* aberto. Ao longo do artigo, usarei /a/ para a vogal central semifechada; /ɔ/ para a vogal central fechada.

<sup>5</sup> Maria Filomena Gonçalves, ao tratar do *Vocabulario sonico*, não terá interpretado bem a descrição que usa Pereira: “Aos novos tipos, contava Félix Pereira vir a somar, desde que o sistema tivesse aceitação, outros vinte e cinco, entre os quais figurariam então o *éta* <η> e o *ómega* <ω> gregos, correspondentes a valores entre *a* e *é*, e entre *ó* e *ô*, respectivamente, soluções ausentes da ilustração feita com base em estâncias do canto III de *Os Lusíadas*” (p. 346). Na verdade, o eta era para “som” (letra) entre “ê” e “é”, o que ficava entre “a” e “é” era o “e russo” (p. XLVIII). No passo a que por certo Gonçalves se reporta, Félix, apesar de usar o termo “som” (como sinónimo de *letra*), não referia “valores” mas posições na lista que citava, pelo que se não podem extrair do passo caracterizações de ordem fonética.

lidado da mudança /e/ > /a/ antes de consoante palatal ou se conveio à revelação do estatuto dialectal de /a/. Quanto a “η”, porventura relaciona-se com a variação livre possível [e]~[ɛ] na palavra que serve de exemplo, *peno*. Para <ω>, não me ocorre nenhuma interpretação.

Segunda, seriam vinte e uma as consoantes (“articulações”), mais uma do que as que ouvia Barbosa Leão. Relativamente ao inventário de Leão, Pereira descontava um som, a chiante de -s final e implusivo, que a Pereira não parece “articulação”, isto é consoante, mas apenas “entoação sibilante”, equiparável a outras entoações, como a nasal. Enquanto Barbosa Leão dava conta das outras realizações do -s implusivo – mesmo se ingenuamente: “A vigesima articulação, cuja existencia o ouvido nos accusa, é a que se encontra no fim das syllabas, e na linguagem escripta se representa por s, e algumas vezes por x e por z: a qual não é ce nem je nem xe nem ze, embora se approxime mais d'esta” (*Colêção*, p. 7; *Carta*, p. 8, n. 4) –, da parte de Pereira há aparente despreocupação com as exactas realizações contextuais, sendo porém verdade que, ao apartar o som da restante listagem das “articulações”, quase nos permite atribuir-lhe uma premonição do estatuto do arquifonema “sibilante-chiante”. Entretanto, Pereira somava dois sons ao elenco de Leão, as articulações “palato-linguae” correspondentes a r e l finais de sílaba, ficando assim o inventário de consoantes constituído pelos sons aboados pela última sílaba de *fogo*, *maca*, *serra*, *fora*, *matar*, *sonho*, *pano*, *malha*, *bolo*, *farol*, *caixa*, *loja*, *pato*, *roda*, *asa*, *aço*, *cova*, *garfo*, *lama*, *sopa*, *cabo*. Pereira não só não adivinha a distribuição complementar das variantes contextuais [l] e [ʎ] como distingue a vibrante simples em coda e de ataque de sílaba. Sobre estas duas consoantes acrescentadas há esclarecimentos mais à frente, quando se tratar de fazer o cômputo do inventário de sons. Percebe-se então melhor que o escrúpulo de Pereira em considerar únicos aqueles fonemas se deve ao contraste, a que intuitivamente procede, entre padrões silábicos: “As letras l e r, correspondentes ás articulações, representadas por le e re, não podem, naturalmente, servir para representar os valores, que teem, quando precedidas de vogal; porque haveria articulações diferentes expressas pelo mesmo signal; o que V. Ex., de certo, não quer; mas é o que, infallivelmente, succederia, sem o acrescentamento de signaes: por isso, para este caso, as represento

por *el* e *er*; e entendo, que, na orthographia, lhes devem corresponder caracteres diferentes. Quanto ao que V. Ex. diz, a pag. 64, facilitar-se a soletração – se se ensinasse as creanças a dizer bem, de uma só emissão de voz, *al*, *ar*... por exemplo, e a soletrar *b ar bar*, *b al bal*... – não me parece assim; porque a soletração *b ar bar*, *b al bal*, supõe, que *ar* e *al* são elementos da linguagem portugueza; e nem V. Ex. nem eu os pudemos encontrar no detido exame, que fizemos d'esses elementos” (p. 13, n. 10). De tal modo, que alarga as preocupações aos casos da lateral alveolar e da vibrante simples em seqüências consonânticas, que resolveria ou prevenindo mais caracteres, correspondentes às “articulações compostas ou diarthroses” *bl*, *gl*, *fr*, *gr*, ou desdobrando a sílaba em duas, sendo a primeira de consoante mais *e* mudo; esta segunda estratégia seria a mais “natural”, já que “entre as duas consoantes, ha um *e* surdo, rapidissimamente pronunciado” (aduz erros ortográficos como *fliz* por *feliz*, quando as pessoas são “rapidas no falar”, e *felor* por *flor*, atribuído às pessoas “morosas”, e dá ambos os tipos como evidências do “*e* surdo” nas ditas articulações compostas – não lhe ocorre que *fliz* possa antes indiciar a redução do vocalismo átono, e ainda menos, para o tipo *felor*, aventa o cenário de hipercorreção motivada pela mesma redução vocálica); e, para atenuar eventual estranheza que causasse o *e* a desfazer o grupo de consoantes, aceita que se use outra representação gráfica, afinal o mesmo <*e*> mas com “qualquer signal em cima, para indicar a rapidez, com que deve ser pronunciado”; este sinal poderia ser a figura do acento agudo, em que Pereira vê vantagens de simbolismo: “tendo a extremidade aguda voltada para a vogal, sobre que se põe, como que a está picando, para a fazer andar depressa” (p. 14). É verdade que não refere entretanto outros grupos consonânticos com *r* e *l* ou os com diferente segunda consoante, mas diga-se já que no *Vocabulario* todos eles figurarão com o tal caractere epentético.

Uma terceira divergência está nas vogais nasais. Ambos distinguem cinco vogais que recebem entoação nasal; porém, enquanto Barbosa Leão propunha como vogais que recebem entoação nasal *á*, *ê*, *i*, *ô*, *u*, Pereira (p. 9) prefere, em vez de [a], [α], mostrando melhor ouvido ou distanciando-se da pronúncia nortenha que seria a de Leão.

A quarta divergência é sobre ditongos. Por mais que se afane, não consegue Pereira achar diferença “entre o som do diphtongo, que V. Ex. representa por *ôu*, e o da vogal *ô*”. Abona com o seu ouvido e os de todas as pessoas que consultou, as quais não distinguiram os sons de *ou* e *o* fechado em “repouso”, “couve”, “louvo”, “pouco”, e “raposo”, “caroço”, “famoso”, “poço”. E, à alegação de Barbosa de que a escrita *ô* em lugar de *ou* não representaria a pronúncia da capital mas seria a “genuína pronúncia saloia”, responde Pereira com viver ele “há alguns annos, em uma aldeia de legitimos saloios”, Camarate, e, apesar de diligências a que procedera, não poder achar “na boca d'esta boa gente, diferença alguma na pronúncia das syllabas, em que figura *ô*, comparada com a da gente douta da capital” (p. 10). Assim, o inventário de ditongos o reduz João Félix a dez, “*ái áu, éi êi, éu êu, iu, ói ôi, ui* – que se ouvem, respectivamente, nas palavras, *caixa pauta, cordeis peito, arpeu comeu, feriu, joia boi, fui*” (p. 9). Neste ponto, a divergência entre Leão e Pereira depende claramente da observação sobre dialectos diferentes. Pereira erra em descartar que o ditongo seja em alguma parte corrente, mostrando-se particularmente tacanho no conhecimento do português do norte.

A quinta divergência resume-se nisto: enquanto Barbosa Leão considera a existência de ditongos nasais – “recébm a entoação nasal 4 [ditongos] – *ái, áu êi ôi*”, exemplificados com “*mãi mão bem põi*” (*Colêção*, p. 136) –, Pereira prefere ver, talvez também movido por benefícios práticos na representação ortográfica, “synereses” constantes de vogal nasal mais vogal oral “breve” (p. 11), o que exemplifica com “*mãe*”, “*pão*”, “*põe*”, “*muito*”. Coerente com o que dissera no ponto sobre vogais nasais, rejeita que a <ãe> ou a <ão> corresponda uma nasal de [a] aberto (o que admite aconteça “só em terras do norte do Reino”), e não [ɑ]; e, ao identificar a base de “bem” com [ɑ] nasal, apoiando-se no ouvido perspicacíssimo de Castilho, que não distinguia as vogais de *bem* e *mãe*, nega a Barbosa o terceiro ditongo, [êj], mas repõe [ũj], de *muito*, que Leão, depois de incluir nas primeiras propostas, acabara por rejeitar (cfr. *Colêção*, p. 11, n. 1).

A sexta divergência diz respeito à acentuação gráfica. João Félix pretere as regras estabelecidas por Leão e, considerando que

na ortografia sónica a informação de timbre deveria ser absolutamente biunívoca, proscreeve os “acentos orthographicos” que não se destinem exclusivamente a marcar o acento prosódico (como acontecia com os acentos graves que Leão propunha para significar a abertura de *a* e *o* quando em sílaba não-dominante – por exemplo, na inicial de “amanhã”); com isto Leão, Pereira não o diz e por certo não o percebe, conseguia aproximação a fenómenos morfológicos susceptível de facilitar a leitura): o acento gráfico, “signal que se deve crear”, marcaria, nos polissílabos, a sílaba dominante, ficando sobre a vogal respectiva (e, bem entendido, independentemente do timbre). Separa portanto Pereira as representações dos “elementos phonicos” (timbre) e prosódica. Disponibiliza-se mais informação e por isso “o professor deixará de estar dizendo a cada momento: “Menino, esse *a* é aberto, esse *e* é surdo, esse *o* é fechado, essa não é a syllaba dominante, etc.” (p. 13-4, n. 11), mas ficam prejudicadas possíveis inferências fundadas na morfologia.<sup>6</sup>

Uma última divergência diz respeito à nomenclatura das letras. Barbosa Leão, depois de mencionar as duas opções sobre que haveria a decidir, do tipo *bê* – isto é, “a articulação seguida de *e* fechado” – ou do tipo *ebe* – “a articulação precedida de *e* aberto e seguida de *e* surdo” –, optava por esta (*Colêção*, p. 62). Pereira renega ambas as nomenclaturas e propõe o tipo *be*, “em que as articulações, seguidas de *e* surdo, tomão por nome, como V. Exa. se exprime, o que não é senão o som, que ellas tomão na boa soletração”. Apouca o argumento não haver em português nomes cuja única vogal seja um *e* mudo, e bem assim as razões de sonoridade, eufonia e pureza citadas por Leão, e releva os benefícios, por maior naturalidade e facilitação, para a aprendizagem da leitura. Isto o diz em nota (p. 15, n. 12), que na mancha principal se limita a apresentar “os nomes dos caracteres alphabeticos”, depois de anunciar que “o alphabeto portuguez deve constar de 49 caracteres, cujos nomes se-

<sup>6</sup> No verbete que a *Bibliografia filológica portuguesa* (Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1935.) dedicou à *Carta*, redigido em 1943, Adélia Barros não percebeu exactamente qual era o escopo de Félix Pereira, e por isso deixa entender que, relativamente a Barbosa Leão, João Félix teria inovado ao propor a total abolição dos acentos, desnecessários se houvesse representações diferentes para cada um dos fonemas. Como se disse, o que Pereira propõe é a abolição dos acentos gráficos enquanto auxiliares da representação do timbre; ao mesmo tempo, indica a criação de um diacrítico que nos polissílabos, e em todos mesmo, marcasse a tónica.

rão, para as vogaes, simples e compostas, os seus mesmos sons, e, para as consoantes e entoação sibilante, as mesmas syllabas, com que as exprimimos” (p. 14-5). Dada esta definição, percebemos melhor como devemos designar os caracteres do alfabeto que depois apresenta. Há que ter em conta que os dígrafos são aí ora representações provisórias de caracteres ainda não cunhados (grafos, 'figuras' substitutas) ora aproximações, em grafia usual, à fonética da designação. É importante distinguir estes dois usos: *es*, *el*, *er* são caracteres provisórios (designados, aproximadamente, como “[□]”, “[□t]”, [□l]); <3>, <η>, <ω> têm os nomes de “[α]”, “[ε~e]”, “[ó~o]”, e não, é claro, “e russo”, “eta”, “ómega”. Como já se depreendeu, ficavam também teoricamente estipulados os nomes dos caracteres para vogais nasais e ditongos, também eles, parece, ainda provisórios.

Sobre o desenho das letras, “a forma, que os caracteres alfabéticos devão ter”, João Félix não se interessa, “é obra do gosto artístico” (p. 15), dirá quase a fechar a *Carta*. O desprendimento pela escolha dos caracteres, tal como a geral ausência de extrapolação com base morfológica, vem de na verdade Pereira não ser sensível ao processamento da ortografia propriamente dita: o seu escopo é apenas a descrição do sistema fonológico, o que aliás não é incoerente com os fins que anunciara, a saber, a harmonia entre língua falada e língua escrita – assim enunciada em abstracto –, e a facilitação das aprendizagens iniciais; já a fluência da escrita ou da leitura maduras é assunto que não aflora.

## 2. O manuscrito da *Carta*

O original autógrafo da *Carta* é o COD. 6888 [U, 3, 44 a lápis, ao canto direito, cota antiga, decerto; também a lápis, ao canto superior esquerdo, /G\* / <757>], dos Reservados da Biblioteca Nacional.<sup>7</sup>

São cinquenta e um quartos de papel almaço lineado, manuscritos a tinta preta (duas tintas diferentes, pelo menos), frequen-

<sup>7</sup> Nem este manuscrito nem o citado original do *Vocabulario sonico* – BN COD. 7599 – estão portanto no espólio de João Félix Pereira, BN Esp. N/32.

temente de ambos os lados; há um insignificante acrescento a tinta azul ou roxa, na assinatura: *Camarate* (trecho 147). Na folha que serve de rosto, sobretudo, mas igualmente nas margens da maioria, marcas deixadas por humidade. A f. 40a traz dizeres que mostram que se trata do original de tipografia (cfr. trecho 145). João Félix numerou as folhas de 1 a 42, mas há números que se desdobram (por exemplo: 3, 3a, 3b) e uma folha que marcou com três números (<21> 21, 22, 23). Como costumava fazer, escreveu linha sim, linha não.

Na transcrição genética que fecha este artigo, ponho todos trechos onde houve algum tipo de reelaboração ou emendas em curso. Uso sistema simplificado, no qual os parênteses esquinados (< >) delimitam segmentos riscados, ou subpostos por outros que figurem entre barras (/ \); e os colchetes ([ ]), os acrescentos (sem que especifique se estes foram intercalados entre segmentos ou lançados nas entrelinhas); □ marca espaço deixado em branco pelo autor; † assinala o que não consegui decifrar; observações minhas vão em itálico e entre chavetas ({ }). Sempre que seguro, dou transcrição já mediada por interpretação das correcções: por exemplo, no trecho 2 adopta-se “ortogra<ph>/f\ia”, embora em termos puramente descritivos se devesse usar “ortogra<p>/f\<h>ia”; do mesmo modo, transcrevo <assumir>/subir\ o que, gesto a gesto, seria <as>su<m>/bir\*\*ir<. Numeração identifica sequências transcritas (que procurei corresponderem à extensão mínima suficiente para inteligência da reformulação no passo), podendo estas incluir vários lugares de variação; entre parênteses curvos, a seguir ao tal número de ordem, põe-se a página.

Que evidenciam as emendas no manuscrito? Reportando-se a este mesmo autógrafo, Maria Filomena Gonçalves considerou que “o confronto das duas versões da *Carta*, a manuscrita e a impressa, põe de manifesto [...] as poucas alterações introduzidas no texto manuscrito, designadamente pequenos cortes, correcções e acrescentos. De alguns deles se infere que Félix Pereira pretendeu atenuar as divergências entre os seus critérios e os de Barbosa Leão”, mas ressalvava não ter aplicado “qualquer metodologia de crítica textual” (p. 341). Ora, tendo nós recorrido àquela utensilagem, o resultado a que podemos chegar é que, na verdade, não houve tal desiderato da parte de João Félix Pereira.

Em geral, as reformulações que encontramos devem-se a situações práticas ou a alterações de estilo, não foram influenciadas por propósitos estratégicos. Vistos todos os lugares variantes, que são em número muito maior do que os cento e quarenta e sete trechos por que os reunimos, apenas em passos dos trechos 52 – “não posso concordar”, trocado por “desconvenho” – e 121 – em vez do riscado “eu creia nessa facilitação, se a reputasse possível julgasse possível; mas não a julgo tal”, o acrescento de “não me parece assim” – se nota matização em asserções que distinguem Pereira de Leão, e trata-se do tipo de gesto quase inerente à toilette final de qualquer texto. Não se encontra no inventário de lugares variantes um vector de reelaboração focado nos desacordos com Leão. (Como é óbvio, não pretendemos diminuir o trabalho de Filomena Gonçalves, que salvaguardava precisamente não ter submetido o autógrafa a um escrutínio nos moldes da crítica textual.).

Resumamos o que há de mais substantivo, que é pouco. Num momento inicial Pereira não incluía o grafema <η>. Mostram-no os trechos em que foi acrescentado o “η” (37, f. 7; 143, f. 40), aqueles em que “dois [signaes]” deu lugar a “tres” (39, f. 8; 41, f. 9), a linha intercalada “para o som, q está entre é e ê, a letra grega, denominada *éta*, e” (39, f. 8v), o cancelamento de “dois d” (41, f. 9), a passagem de “48” a “49 [signaes]” (115, f. 32; 119, f. 33v; 142, f. 40) e de “11” a “12 [vogaes]” (115, f. 32v; 119, f. 33v), a alteração de “achei menos um” (120, f. 33v). Entretanto, a palavra primeiro lançada para abonar tal som foi “adega” (37, f. 7), o que cumpre relacionar com possível variação da pronúncia, [e]~[ɛ]: vistos os dicionários coevos, “adega” está representada com *ê*, de [e], no de Gaspar Marques, no de Lacerda e na 2.<sup>a</sup> ed. do de Faria (e no Morais por *è*, valendo aí [e] também); marcada com acento agudo no de Almeida-Brunswick (o que, não acontecendo em casos de [ɛ] evidente, deve poder interpretar-se como esclarecimento que Francisco de Almeida, autor das letras A a P, julgou necessário porventura dada a presumida variação); como [ɛ], nos dicionários de Aulete e Valente, no da colecção de *Diccionarios do povo*, no *Manual* de Adolfo Coelho e no *Prosodico* de António José Carvalho e João de Deus (onde se usa para “adega” um *è*, aberto mas oponível a outra vogal aparentemente também aberta, *é* – cfr. a série “sêde, séde,

sêta”). (Não devemos afastar outra hipótese – que na verdade inverte a causalidade em que se assentou –, de que um som realmente “intermédio” entre [e] e [ɛ] é que motivaria as diferentes percepções em “adega”). Quanto às restantes alterações, visam sobretudo melhorar o estilo ou conformar a redacção final a reformulações anteriores.

### 3. Transcrição das sequências com variação

1 (1): <A>/V\ Ex.

2: ortogra<ph>/flia

3: É obra de <incontestavel>[indisputavel] merecimento

4: marcará uma epocha, <na hist> talvez a mais illustre, na história da orthographia

5: ás innumeradas difficuldades, [desharmonias {antes pensada para anteposição a difficuldades}], irregularidades e incertezas

6 (1v): a nobre dedicação, o heroico desinteresse [o entranhado amor, a <d>convicção profunda, {números a alterar ordem para o amor entranhado}] com q V. Ex. propaga, evangeliza as importantes verdades, <contidas> enthesouradas <naquelle> nesse livro de ouro

7: sacrificados, é que veem, quando a vida se lhe [não] consumiu na lucta, triumphar as <verdade> ideas

8 (2): <d'esse>[d'um] nobilissimo apostolado

9 (2v): ortho<p>graphia

10: como affirmão<,> respeitaveis professores de instrucção primaria<s>,

11 (3): A orthographia portugueza – dizem, [com muito espirito,] estes professores

12: na esc[h]ola

13: <sem a minima hesitação> podemos asseveral-o, sem a minima hesitação

14 (3v): É o que succede a<m> todas as instituições humanas

15: V. Ex. acaba de desfechar-lhe golpes tão certos e tão <pesados,>[pesados,] q a diurna existencia de tão <barb> irracional, <e barbara>[quão anarchica] orthographia, d'esta vez, [devéras] periclita.

16: desdobra, com tal mestria, o sudario das monstruosidades da orthographia usual, <pulveriza,>[derrue,] com tão poderosa mão, os [<seos>] ultimos redutos<, onde se poderião ainda acolher <os>[<seos>] propugnadores que> dos mais estrenuos campeões da <velha doutrina>[barbara] orthographia,

17 (3a): <rehe> renhid<a>/o\

18: absterão de <apre> vir, de novo, á arena.

19: sendo para isto clausula impreterivel o conhecimento <exacto> dos <s>[sons] elementares, e não [<pod> tendo] a sciencia chegado ainda a determinar distinctamente esses sons, não pode a nova orthographia <assumir>/subir\ ao nivel de perfeição, q seria para desejar.

20: Bem sei<,> tãobem,

21 (3av): <Não obstante, pois,> A despeito, pois,

22: o seja<,> quanto possivel

23 (3b): um limite mathematic<a>/o\

24: e tãobem porque, dado que realmente existisse, não viria a tempo de utilizar-se<:/,\ [não costuma ser mui rapido o progresso scientifico: <e><†>[e]] a lingua portugueza, a ter, como é provavel, a sorte das q a precedêrão, acabaria antes.

25: philo<so><log>os

26 (3bv): <umas †> {único texto na f. 3bv}

27 (4): <{segmento de cópia desaproveitada}>

28: as bases d'uma orthographia normal, d'huma orthographia modelo, ahi estão, <primorosa>[magistral]mente architectadas

29 (4v): e se deix<a>/e\[e]

30: de maneira que o individuo ou a corporação, q acceta<ss>/r\<em>[em] a primeira parte, quererão [taobem] a segunda;

31: porque poderia succeder, q, depois de habituados <á>/a\ <prim> uma parte, <s> e não podendo usar da outra,

32 (5): expo<mos>/nho\ a doutrina, como a entendo; e em nota copi<âmos>/o,\

33 (5v): para sua doutrina poder facilmente <compa>confrontar-se com a do texto.

34: Em seguida, expend<emos>/o\ {No final da f. 5v, dizer solto, retomado na f. 6 (Prosodia é a parte da grammatica.), que talvez funcionasse como reclamo}

35 (6): convem <conhecer> determinar

36: em <sons da> verdadeiros sons da voz humana

37 (7): achâmos <nove>[<o>] [<onze>] [ $1 <1> / 2 \setminus$ ] sons, chamados vogaes, como se ouvem nas primeiras syllabas das palavras *favo pano*<,> *tenho meda* [<adega> *peno*] *seda medir fita moda fome*<,> *moça bule*. Para representar estes sons, <empregaremos,> adoptar-se-ão signaes particulares e simples. Nesta carta, <designal-os-emos em quanto se não adoptar um signal particular e simples para cada um, os>[indical-os-emos pelos] signaes seguintes: *á a z é [η] ê e i ó ω ô u*.

38 (8): *ólá*<,> *rosa café*

39 (8-8v): P<or>/ara\ <isso>[ter maior número de signaes,] accentuei as vogaes *a e o*, como V. Ex. tãobem practica: <e>[mas] faltando<-nos> ainda <dois>[tres] signaes, adopt<amos>/ei\, para o som, q está entre *a e é*, um dos *ee* do alphabeto russo <(o q mais se parece com o nosso *e*)>, <e>/pa\ [ra o som, q está entre *é e ê*, a letra grega, denominada *éta*, e {*na entrelinha, intercalado já depois de lançadas as outras orações*}] para [o] som, situado entre *ó e ô*, <a>/outra\ letra grega, chamada *ómega*. <O uso das vogaes accentuadas deve <ser provisoria,>[rejeitar-se,] não só porque não convem signaes compostos para representar os sons [elementares] mas tãobem porque, tendo algumas vogaes de ser marcadas para indicarem a syllaba dominante das palavras, ficarião, ás vezes, muito complicados os <signaes representativos <d[']estes sons> d'estes sons>.>.

40: Para exemplo dos <<onze>/nove\ sons, não uso dos mesmos vocabulos q V. Ex.,> nove sons communs á serie das vogaes admittidas por V Ex. e á serie admittida por mim, não emprego os mesmos vocabulos q V. Ex.

41 (9): havendo na minha serie mais <dois>[tres] sons, e não podendo [<dois d'>] elles ser <expl> exemplificados nas últimas syllabas <de>/das\ palavras [portuguezas,] <quiz> desejei, para uniformidade, referir os exemplos todos ás primeiras syllabas.

42: Bem sei q V. Ex. não approva a palavra *pano*, para, com o *a* da primeira syllaba, se exemplificar o “segundo *a* [da serie das vogaes:]”

43 (9v): d<a>/o\ mesmo modo

44: <enq> entre os quaes

45: os segundos <em> pronunciados

46 (10): <vinte e uma.>[21.]

47 (11): das <a>palavras

48: e <mud>surdo,

49 (13): Palato-linguaes 8: *je xe, le lhe, [ne nhe,] e re rre.*

Gutturaes 2: <que> *qe ge.*" pag. 7. <V. a not> V. a nota<,> da mesma pag. e a Concl. pag <135> 135.

50: Com<parada>[o] V. Ex. vê, a serie das <{haste apenas começada}> 19 articulações

51: da <ante> posterior para a anterior

52 (13v): <não posso concordar>[desconvenho] com V. Ex. no tocante á colocação das labiaes.

53: para a <articulação>[pronuniação] de *me*

54: Por isso, entendo, contra a opinião de V. Ex., q as tres labiaes, ordenadas de fora para dentro, como V. Ex. as ordena, devião estar assim, *be <me>/pe\ <pe>[me]*

55 (14): e, na linguagem escripta, se [costumão] represent<ão>/ar\ por *r e l*

56: exprimil-as<,> vocalmente

57: <el,><e> *er e el*

58 (15): se represent<ão>/a\

59: e não podendo representar-se vocalmente<,> pondo-lh'o atraz

60 (15v): Como acima disse, não me parece articulação o elemento, q V. Ex. <junta> <d> <appellida>[considera] articulação e, como tal o junta ás 19 articulações geralmente admittidas<,>.

61: não me parece mais articulação do q a entoação nasal, de que já vamos falar, e q V. Ex.<,> <com <a> todo o si-zo,>[<discernimento>] não chama articulação.

62 (16): <C> Todas essas articulações

63: <p>*cano*

64 (17): *c<ó>/o\va, <aço> aço aza roda pato, bahús<,> loja*

65: a minha enumeração das articulações differe da de V. Ex., <p> em quatro pontos, por <motivos>/fundamentos\ já adduzidos.

66: [alem] d'esta modificação, {*obrigatoriamente a emendar lapso*}

67 (17v): 3.º Ha de menos a palavra *bahús*, q V. Ex. destina a exemplificar <a>/o\ q V. Ex. denomina articulação *es*, <4.º> e q eu denomino entoação sibilante:

68: as palavras *matar* e *farol*, <destinadas a>[servindo para] exemplificar <as> o que eu chamo articulações *er* e *el*

69 (19): Dos sons vogaes recebem entoação nasal <cinco> 5 – á ê i <e> ô u –,

70: Como se vê, dissinto de V. Ex., quanto á primeira entoação [nasal].

71: tãobem não negâmos a<s> de *én* e *ón*;

72 (19v): Por isso e pela outra razão, q V. Ex. apresenta, para rejeitar da [boa] prosodia <e, por conseguinte,> as entoações *én* e *ón*, opinâmos, q <se> deve tão bem rejeitar-se a entoação *án*.

73: e <m> a mim parece-me

74 (20): *sent<a>/i\m\iênto*

75: á<s> linguagem do vulgo

76 (20v): pronunciando, por exemplo, *encost<ar>/o\*, como pronúnciação *imposto*

77: Sei, que bastantes homens <esclarecidos assim illustrados> esclarecidos fálão assim

78 (21, 22, 23): Essas mesmas pessoas, q dizem *incontrar* [inrolar] *interrar* *involver*, [dizem, geralmente,] quando a estes vocabulos <e outros semelhantes, q são> se junta o prefixo *des*, <dizem geralmente<,>> *desêncontrar<,>* *desênrolar<,>* *desênterrar<,>* *desênvolver*,

79 (23a): Convenho, q bastantes pessoas esclarecidas assim falem. Garret era <d> uma d'ellas;

80: muita gente <illustrada>[cult] rejeita

81: *in<t>/c\ostar*

82 (23av): *desênterrar desênrolar* {com numeração (2 e 1) a alterar ordem para desênrolar desênterrar}

83: *desinvolver<“>*

84 (24): dois <a>/e\ dois

85: <de> 10

86: *éi êi*, <ê>/ê\u <é>/ê\u

87: *arpeu<,> comeu*,

88 (25): <ê>/ê\u

89: *arpeu<,> comeu*,

90: *joia<,> boi*

91 (26): como *repouso<,> couve<,> ouro* [pouco] etc., e *raposo caroço famoso* [poco] etc., não puderão achar diferença entre

o som do *ou* dos primeiros e o do *o* fechado dos segundos. <E é sabido, q ha bastantes palavras na linguagem, q se escrevem, indifferentemente, com o diphthongo *ou* e com a vogal *o*, como<, > pôde poude, oco ouco>.

92 (26v-27): V. Ex. entende, q quem escreve *ô* em lugar de *ou* em certas palavras [não] representa [a pronúncia da capital, mas só] *a genuina pronuncia saloia* (pag. 47). <Declaro>[Vivo ha alguns annos] <que vivo> em <al> uma aldeia de <<g>/le> legitimos saloios, [(Camarate) q não é longe de Sacavem e de Loures;] e declaro a V. Ex., q por mais diligencia q tenha feito, não posso achar, na boca d'esta boa gente, differença alguma <entre a>[<de>na] pronuncia<ção> das syllabas, em q figura *ô*, <e a das em q figura *ou*. O mesmo succede em Lisboa e Coimbra, q não são terras de saloios. Aqui Jeronymo Soares Barbosa, alli o visconde de Castilho, citados mesmo como V. Ex. sabe, q aprofundarão>[<entre ellas> comparada com a da gente douta da capital. E <já> o visconde de Castilho, em Lisboa, e antes de'elle, Jeronymo Soares Barbosa, em Coimbra, ambos philologos eximios {*números 1 e 2 a alterar ordem para eximios philologos*}, q aprofundarão] <as>[estas] questões de orthoepia, <insistirão,>[tãobem] não encontrarão, <como V. Ex. sabe, differença alg† os dous sons, q V. Ex. admitte.>[a differença, q V. Ex. admitte, entre<s> os sons das syllabas finaes de *lavou* e *avô*.] E é sabido, q ha bastantes palavras na lingua<gem> portugueza, q {*Na margem da f. 26v, a lápis, dizer barrado por traços horizontais: <V não cremos †>*}

93 (27a): <em>/em\

94: alem de se encontrar no meio de infinidade de palavras<, > e vozes verbais, termina todos os pl<ur>[ur]aes

95: vocabulos<, >." pa<5>/g.\ 59.

96: Já <<a> nesta mesma carta>[anteriormente] disse, <a V. Ex.> q

97 (27c): "Os sons vogaes unem-se tãobem <a>[a] dois <a>[e] dois

98: ouvem-se bem distinctos um depois <d'outro."> d'outro." pag. 13

99: *agua*<, > *equidade*<, > *piedade infancia pateo*<, >:/\

100: *quatro*<, >*guela*

101: *enxagua*<e>/\

102 (27cv): *mãe*<,> *pão*<,> *põe*

103 (28): uma vogal oral<,> ou uma vogal nasal, <ou> um diphthongo

104: Dão exemplo do q affirm<â>/amos as seguintes palavras *quátro* [*agua*] *guela redargui equidade quota obliquo quando aguentar quinquenio*<,> *enxaguai aqueiro deliniquiu desaguou sanguão*.”

105 (28v): e supprimindo assim os quatro <dy> diphthongos nasaes, admittidos por V. Ex., <simplifico bastante a orthographia, a cuja sim> contribuo para facilitar a leitura e a escripta, <a> cuja simplificação V. Ex. tem<t> tomado tanto a peito. Na verdade, esses quatro elementos da linguagem portugueza são, para mim, <meiros>[puros] casos de syneresis, constituindo o meo terceiro genero. Não me parece, q seja necessario abrir novo capitulo, para estudalo<,>/s,\ como decorre do exame <dos> reflectido dos exemplos, q V. Ex. põe, para confirmar a existencia dos diphthongos nasaes. Na primeira syllaba de <cãimbra> *cãim*<m>*ba*, não julgo haver mais do que uma syneresis do terceiro genero,

106 (29): Na segunda syllaba de <irmão><,> *orgão*, o primeiro som é a vogal nasal *ân*, e o segundo <é> a <segunda> vogal breve *u*. Na primeira syllaba de *põe*, o primeiro som é a vogal nasal *ôn*, e o segundo <é> a vogal breve *i*. Na primeira syllaba de *muito*, o primeiro som é a vogal nasal *un*, e <a>/o\ segundo a vogal breve *i*. D<a>/e\ egual maneira analysariamos os outros exemplos, em q figurão vogaes nasaes. Quanto aos exemplos, <{sinal para intercalar}> <em nada apparecem as>[em cujas] syllabas apparecem *om* e *on*, <bo> taes como *bom tom compor*<,> *confirmar*,

107 (29v): <Vê> Ahi [tem,] pois, V. Ex., como todos os casos, q V. Ex. apresenta de diphthongos nasaes desapparecem, sendo reduzidos, uns a vogaes nasaes, <e> outros a syneresis. E estas reduções não <sim>facilitarão a leitura

108 (30): reimpressa (pag. 10 e 11)<,> e na *Concl.* pag. 136, reduz esse número a quatro, correspondentes aos diphthongos oraes á<u>/i\ áu êi ôi.

109 (30-30v): Quanto ao 1.º e 2.º, creio, q os sons, q V. Ex. pretende por elles representar, não existem no <f> locução correctá. As syllabas *cãim*<,> <cães> *mãe*<,> *gão mão* etc., [dos exemplos apresentados por V. Ex.] não accusão a existencia do *a* aberto dos

diphthongos á<u>/i\ e áu, mas a d<e>'a fechado (ou surdo, q para mim é o mesmo); <dos diphthongos â<u>/i\ e âu como,> porêm<,> não existe, na lingua portugueza, som nenhum, q possa representar-se por este a, unido ás letras i e u, constituindo verdadeiros diphthongos; logo <não> os dous primeiros diphthongos nasaes, admitidos por V. Ex., não tem razão de ser; e os sons, [a] q, por elles, V. Ex. <inculca> se refere, são, a meo ver, syneresis da <3.<sup>a</sup>> terceira especie. Creio, q, só em terras do norte do reino, se pronúnciao aquellas syllabas cãi etc., como se o a do diphthongo [nasal] fosse aberto.

110: V. Ex. sabe, q o <viscond> fallecido visconde de Casti-  
lho, cujo ouvido era perspica<ss>/c\issimo

111 (31): *bem* (um dos exemplos d<e>/o\ <V. Ex.> 3.º diph-  
thongo nasal)

112 (32): <Ora, se em portuguez os elementos da linguagem  
falada são>

113: a unidade da <p> <resent> representação dos sons, isto  
é, cada som é representado <so> por um signal sómente

114 (32v): <†>/pag\ 81

115: Ora , se em portuguez os elementos da linguagem são:  
1<1>/2\ sons vogaes, 21 articulações, 5 sons vogaes nasaes, 10 di-  
phthongos e <uma>[1] entoação sibilante, a boa razão nos dicta, q  
deve haver 4<8>/9\ signaes (somma d'estas 5 parcellas) ou  
c[h]aracteres, para represental-os, e q cada um d'esses elementos se-  
ja, sempre e unicamente, representado pelo signal <represes> res-  
pectivo<,>. < E se, alem d'isto, se determinasse um modo unico de  
indicar a entoação nasal>

116 (33): representado pelo signal <etc., pa>[respectivo.]

117: <nas>/vog\aes

118: Na tabella seguinte, se pode[m] bem comparar, num re-  
lance de olhos, os números dos diversos elementos da linguagem  
portugueza,

119 (33v):

|                  | V. Ex.  | Eu      |
|------------------|---------|---------|
| Sons vogaes      | <10>/9\ | 1<1>/2\ |
| Articulações     | 20      | 21      |
| Sons nasaes      | 5       | 5       |
| Dip<t>/hth\ongos | 11      | 10      |

|                    |    |         |
|--------------------|----|---------|
| Diphthongos nasaes | 4  | 0       |
| Entoação sibilante | 0  | 1       |
|                    | 49 | 4<8>/9\ |

120 (33v-34): Como se vê, achei, <menos um>[no todo<,>/,\ o mesmo número de] elementos q V. Ex.; <o que pouca vantagem importa, na verdade: mas no q ha, de certo, alguma utilidade (se minhas reflexões são exactas, subentende-se) utilidade, q se traduz na simplificação do ler e <d>o escrever<,> <é>/e\ na maneira de considerar estes elementos. quanto aos sons vogaes simples, admitto, é verdade, mais dois [<tres>] do q V. Ex.; mas ainda assim, se<,> com effeito, <exist> realmente existem estes dous [<tres>] sons, como julgo, a prosodia e a orthographia aproveitarão, pelo facto de haver caracteres privativos para elles.>[mas parece-me, q, se minhas reflexões são exactas, a maneira, <por q eu> com[o] <q eu eu> os considero, [como os aumento em uma parte e diminuo em outra, facilita, um pouco mais, o ler e o escrever. Assim, quanto aos sons vogaes simples, os tres, q admitto, mais q V. Ex., se elles realmente existem, como julgo, devem ter representação na orthographia sonica: alias, transgredir-se-ia, seo principio fundamental, q ordena q cada som seja representado por um signal sómente e cada signal represente unicamente o seo respectivo som.]

121 (34-34v-35): Quanto a articulações, <tãobem, aparentemente a tabella é contra mim. Mas os elementos,> as q juntei, *er* e *el*, [tãobem] em vez de redundar<em> em difficuldade, redundão, parece-me, em beneficio para os q aprendem a ler e a escrever. Com effeito, julgo ser mais facil, por ser mais natural, dizer, por exemplo, *á er ár, ó e<r>/\ ó<r>/\*, do q *á ére ár, ó éle ól.* <<O>/A\s> As letras *l* e *r*, correspondentes ás articulações, <q> representadas por *le* e *re*, não podem, naturalmente, servir para representar os valores, q teem, quando precedid<os>/as\ de vogal; porque haveri<ão>/a\ <duas> articulações diferentes expressas pelo <mesmo signal>[mesmo signal; o q V. Ex., de certo, não quer; mas é o que infallivelmente, succederia, sem o accrescentamento de signaes <correspondentes ás articulações *er* e *el*: [por]>[: por isso,] por isso, para este caso, as representâmos por *el* e *er*; e entendemos, q, na orthographia, lhes devem corresponder caracteres diferentes. <Doutra maneira, haveria articulações diversas, representadas pelas mesmas letras; o q V. Ex., de certo, não quer; mas é o q, in-

>[Quanto ao q V. Ex.] <Quanto ao V. Ex.> diz, a pag. 64, facilitar-se a soletração se se ensinasse as creanças a dizer bem, d'huma só emissão de voz, *al ar...* por exemplo, a a soletrar *b al bal b ar bar...* - <eu creria nessa facilitação, se a reputasse possível julgasse possível; mas não a julgo tal;>[não me parece assim;] porque a soletração *b ar ba<l>/r\*, *b al bal*, supõe, q *ar* e *al* são elementos da linguagem portuguesa; e nem V. Ex. nem eu os pudemos encontrar no detido exame, q fizemos d'esses elementos. <Para se realizar o q V. Ex. diz naquelle trecho, fôra mister, q V. Ex. juntasse aos 49 elementos, q admite, adicionasse mais <20>/18>[Suppondo, porém, q o erão, o número de [49] elementos, admittido por V. Ex., subiria a 67, sendo o acrescimo de 18], correspondente<s> ao *r* e ao *l*, precedidos, cada *um*, dos <10> 9 sons vogaes, <dando a cada um d'elles, um nome e um signal, q o differencem dos outros; o q viria dif->[admittidos por V. Ex.; o que viria difficul-] ficultar a leitura e complicar a orthographia.

122 (35v): <Quanto á entoação sibilante, q figura só de meo lado, V. Ex. tãobem a admite, mas debaixo <d'outro> do nome de articulação, e, como tal, a inclue no respectivo número 20.> {cancelado por dois traços na diagonal}

123 (35a): Aqui a função das duas consoantes <é> differente<nte> da q exerce[m] quando <está no com> são a primeira letra das syllabas, como em <bota, decano> *loteria delicia* <p>[r]a<lh>/ç\a, <engaço>[barato etc.] etc.

124: De dois modos, me parece, pod<e>/er\mos <o r e o l ser> dispensa<dos>/r\ <d'uma>[o r e o l da primeira] d'estas funções;

125 (35av): as articulações compostas ou diarthroses, denominadas *ble*, *gle fre* e *gr<a>*[e];

126 (35b): Vê-se, q se pode escrever, indifferentemente, sem desacordo com a [boa] pronúncia, <d'estas palavras,> *feliz* ou *fliz*, *flor* ou *felor*, e <nos v> assim os v<a>/o\cabulos semelhantes.

127 (35bv): privado, <d> já se vê, de sua significação prosodica.

128: tendo a extremidade aguda voltada para a vogal, sobre q <está,> se põe,

129: <Vo> Agora voltando á entoação si<v>/b\ilante

130 (36): <o orthographia portugalueza> nenhuma lingua terá orthographia mais racional, mais natural, mais facil, do q a lingua portugueza.

131 (37): V. Ex. estabelece várias regras, com suas excepções, <tendo estas> <esca> <ex> as quaes teem suas excepções tão-bem. Peço perdão a V. Ex. para dizer, q <acho> me parecem inteiramente inuteis todas essas regras; que me parece, não haver q estabelecer regras a respeito de accentos orthographicos, porque estes não [devem] exist<em>/ir\ na orthographia sonica: o accento prosodico <das diversa> deve ser indicado pela forma da respectiva letra.

132 (37v): e se assignale, d'algum modo, a syllaba dominante, [nas palavras,] q <a>/tiverem mais d'uma syllaba

133 (38): Comissão d<a>/e\ reforma orthographica

134: A cada som vogal<, > <quer simples, quer composto,> deve corresponder um <signal>[character] simples, isto é, sem accento orthographico. Este <signal,>[character,] só por si, deve representar o accento prosodico.

135: <á>/a\manhan

136 (38v): doi<s>/s\

137: syllaba <d>predominante

138: da mesma syllaba<,>.

139 (38v-39): não se dará o inconveniente, q V. Ex. cita, resultante da falta dos accentos orthographicos<.>/:\ <O> [o] professor deixará

140: A creança, <pronunciará sempre <b> com acêrto> logo q saiba os nomes das <le> characteres vogaes

141: si<m> mesma

142 (40): Na presença da tabella da pag. □, se vê, q o alphabeto portuguez deve constar de 4<8>/9\ characteres

143: Assim, os nomes dos characteres alphabeticos serão os seguintes: <a> <a> <3>

á a 3 é [η] ê e i ó ω ô u

ge qe rre re nhe ne lhe le xe je te de ze ce ve fe me pe be er el  
<an>

ân ên in ôn un

<ái au>

ái áu éi êi <ê>/é\ u êu iu ói ôi ui

es {a lápiz, linhas verticais a estabelecer limites entre os characteres}

144: <Quanto>[Ácerca da forma, que os characteres alphabeticos devão ter, nada diremos: é obra do gôsto artistico.]

145 (40a): com esta disposição exactamente e italico tudo, como expliquei, quando ahi estive

á a 3 é η[é um éta] ê e i ó ω[é um ómega] ô u

ge qe rre re nhe ne lhe le xe je te de ze ce ve fe me pe be [esta linha deve ocupar toda a largura da pag.]

er el

ân ên in ôn un

ái áu éi êi éu êu iu ói ôi ui

es

146 (41v-42): Prefiro a nomenclatura, em q as articulações, <são> seguidas de *e* surdo, tomão por norma, como V. Ex. [se exprime,] o q não é senão o som, q ellas tomão na boa soletração. E não me parece, q isto seja êrro crasso, como V. Ex. *lhe* chama; porque ainda q não h<ouv>/aja\<esse>, em nossa lingua, verdadeiro nome, q <tenha>/tenha\ por vogal *e* mudo sómente, dever-se-<i>á fazer [excepção,] para os nomes das articulações, attenta a grande vantagem, q d'ahi adviria para apprender a ler. Com effeito, ninguem dirá, não ser mais <facil dizer, b> natural e mais facil dizer, *be á bá*, do q *bê á bá* e mais ainda do q *ébe á bá*. || Fecho, finalmente, esta carta, q vae <já> longa, esperando, q V. Ex. me desculpará, se julgar <mal cabidas as>[mal cabidas as] minhas reflexões, <mal cabidas [<a>]<tão>[<ao>] seo>[a tão] primoroso livro, <augurando-lhe próspero e completo exito e>[ao mesmo tempo augurando aos principios nelle expendidos, o mais <próspero> esplendido triumpho e] assignando-me

147: [Camarate *a tinta roxa*] 1 abril 79

